

Lingüística, aquisição da linguagem e patologia: relações possíveis e restrições obrigatórias

Maria Francisca Lier-De Vitto e Suzana Carielo da Fonseca*

Este trabalho pretende refletir sobre a relação entre Lingüística, Aquisição e Patologia, com foco nas *afasias*, o que convida a Fonoaudiologia para a discussão. Broca (1864) diz que o termo "afasia" foi utilizado, pela primeira vez, por Sexto o Empírico (200 d.C.) para designar "a condição de um homem no fim dos argumentos". Note-se que na sua acepção original, "afasia" não designava uma condição patológica. Isso acontece ao ser encampado pelo discurso médico como referência a patologias cerebrais. Operou-se, aí, uma transmutação: um termo que dizia de uma "condição retórica" tornou-se referência a uma "condição patológica": a um quadro que empiricamente atestava uma dupla perturbação: uma *lesão cerebral* seguida de um *distúrbio na fala* (em graus diversos).

A Medicina, em função do compromisso com seu objeto e questão, legitimamente privilegiou o primeiro acontecimento – a lesão cerebral – e fez dele sua "proposição problemática" (Milner, 1989). Por isso é que, no discurso organicista, "afasia" está, *teórica e clinicamente*, atrelada ao cerebral. Como discutiu Fonseca (1995), disso decorreu que, nesse campo, o *acontecimento na fala não foi problematizado* e a *reabilitação da linguagem* barrada na clínica médica.¹ O que abriu espaço para a instituição de uma clínica outra – a fonoaudiológica. Mas, quanto à problematização da linguagem, essa exigência nem sempre tem sido reconhecida pelos fonoaudiólogos, embora a especificidade requerida pelo tratamento da afasia

* PUCSP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

¹ Cabe lembrar que a terapêutica médica das afasias é medicamentosa ou cirúrgica, como chamou a atenção Vieira (1992).

devesse implicar uma explicitação acerca da linguagem (Fonseca (1995) e Fonseca e Vieira (1998) para que ações clínicas pudessem ser orientadas.

Afirmar que a fala se encontra "patológica" porque o funcionamento cerebral está patologicamente comprometido é discurso circular e dele nada se pode retirar para tratamento fonoaudiológico. O que deveria estar em questão no diagnóstico fonoaudiológico seria a decifração de um enigma na fala sobre o qual o fonoaudiólogo deveria "decidir e justificar" (Arantes, a sair). Sem esse compromisso com a fala do paciente, o "terapêutico" não encontra especificidade. Não se trata, como no campo da medicina, de tomar *a fala como sintoma de que algo vai mal em outro domínio* mas de, prioritariamente, refletir sobre o sintoma na fala, perguntar "o que vai mal na fala?"

Ora, se para a Fonoaudiologia, a afasia é um "problema lingüístico", causa estranheza que a teorização relativa ao acontecimento patológico despreze a reflexão da Lingüística acerca da linguagem. No entanto, é isso que se verifica: raríssimos são os trabalhos fonoaudiológicos que se aproximam, *de fato*, da Lingüística.

Mas a discussão é encaminhada como se a linguagem fosse *accessória* à clínica da linguagem e não questão *fundamental* ou mesmo fundante.²

Pode-se advogar que a fala é um "impossível para a Lingüística" e que o sintoma afásico é na fala. "Ao eleger a "língua" como objeto, não lhe interessam as produções patológicas" (Lier-De Vitto, 1999). Entretanto, Túlio de Mauro, na introdução que faz ao *Curso de lingüística geral* de Saussure (1916), chama a atenção para o fato de que Saussure "dá a chave" para outros estudos que não o estritamente sincrônico.³ Foi assim que Jakobson leu Saussure: o conceito de língua enquanto "sistema de relações" foi a "chave" ou a "cifra" a partir da qual ele se voltou para a fala – a da criança, a do afásico e a do poeta. Seu trabalho levou às últimas conseqüências a idéia de que *a fala é determinada*, ou seja, de que há "forças perenes e universais às quais se possam referir todos os fenômenos

² Essa constatação surpreendente foi assinalada por Fonseca (1995) que, sob impacto da releitura de Saussure e Jakobson no interior da proposta Interacionista brasileira, bem como do trabalho de Freud sobre as afasias (entre outros trabalhos) assinalou a necessidade, para um fonoaudiólogo afasiologista, de um compromisso incontornável com a Lingüística e suas questões.

³ "[...] a concepção saussureana de língua como sistema idiossincrônico, em conexão com a distinção entre execução e sistema, não só não se opõe ao estudo sincrônico, mas lhe confere uma base rigorosa. Vale a pena acrescentar que essa mesma concepção da língua [...] permite esclarecer outros problemas [...]. Ao nosso ver, sem dúvida, Saussure dá a chave para resolvê-los corretamente" (1916/1993, p. 36) (grifos nossos).

peculiares [...]" (Saussure, 1916, p. 13). Jakobson reconheceu que "na fala, alguma coisa se repete materialmente" e que "o que se repete (insiste) [...] são diferenças, isto é, relações" (P. Henry, 1992: 163). Jakobson articula língua e fala (Lier-De Vitto, 1999).

A aproximação a Saussure e Jakobson leva necessariamente à assunção de que há uma ordem de determinação (sincrônica, atemporal) – a língua – da qual uma fala não escapa. Isso interessa ao estudo das afasias.⁴ Em consonância com o que se diz sobre a linguagem na proposta Interacionista em Aquisição, essas relações *produzem efeitos...* inclusive o de um "estado patológico da palavra".

Tocar na fala e seus efeitos, tocamos na questão do sujeito, uma questão também estranha à Lingüística. Como diz Lacan, essa disciplina põe em movimento "o jogo combinatório operando em sua espontaneidade, sozinho, de maneira pré-subjetiva" (Sem. 11, p. 26, apud Olgivie 1988, p. 42).⁵ De fato, Saussure e Chomsky fazem afirmações contundentes relativamente à relação falante/língua. Saussure insiste em que "[...] os indivíduos, em larga medida, *não têm consciência* das leis das línguas" (1916, p. 87) (ênfase nossa). Chomsky afirma o mesmo: que o falante "*não tem consciência* das regras da gramática" (1965, p. 8) (ênfase nossa). Saussure e Chomsky expulsam o sujeito psicológico do coração da língua e a possibilidade de que um falante exerça controle sobre a língua.

Esse "desconhecimento constitutivo" remete ao que disse Túlio de Mauro: se Saussure não teoriza sobre o sujeito falante, ele "dá a chave" para uma reflexão sobre ele. Como diz Olgivie, "*aquilo de que a lingüística nos liberta é da 'subjetividade original' [...] ela [a suspende], ou antes suscita a questão da subjetividade produzida, tardia e dependente: a 'subjetividade sujeita' [...]"* (1988: 43) (ênfase nossa). O resultado de uma aproximação à Lingüística implica uma restrição clara: assumir a anterioridade lógica e o determinismo da língua relativamente à fala e ao falante. Isso envolve, necessariamente, romper com a possibilidade de pensar num sujeito "livre" e "senhor" da palavra.⁶ Isso obriga a colocar em causa a afirmação de

⁴ Interessa dizer que, ainda que a língua se manifeste na fala, como propôs Jakobson, ela: (1) "pode ser estudada nela mesma" e (2) que ela "ultrapassa sempre a atividade individual da fala" (P. Henry, 1992, p. 170). Isso significa dizer que a língua tem autonomia (relativa) e que ela não coincide com a fala.

⁵ Ora, é exatamente porque a língua é um conceito que, como diz Paul Henry, "[...] não se deve supor um 'sujeito da língua'. É bem verdade que Saussure atribui à língua como tal uma atividade de classificação e de associação que tem todas as aparências da atividade de um sujeito. Esse sujeito não poderia ser o sujeito falante – Saussure é extremamente claro sobre esse ponto [...]. O único sujeito a que essa atividade poderia ser atribuída seria um 'sujeito da ciência'" (1992, p. 186).

⁶ É nessa mesma direção que Lier-De Vitto e Fonseca (1998) conduziram uma discussão em que problematizam a dita "capacidade metalingüística". Colocando em rele-

que as afasias refletem "falta de controle" do sujeito sobre a linguagem (como supor "falta de controle" sobre algo relativamente a que nunca se teve controle? – Lier-De Vitto e Fonseca, 1998).

No que foi discutido até o momento, é possível vislumbrar que o conceito de língua não é acessório à abordagem da fala (patológica ou não). Essa é a lição que nos ensina Jakobson sobre a afasia: na fala afásica, há *la langue* "em operação". Portanto, por mais que se propague que a afasia implica "perda", jamais um sujeito afásico terá "perdido" a sua condição de falante – mesmo quando a fala nele não se manifesta: ele não pode escapar à determinação da língua. A despeito da lesão cerebral, ele permanece na ordem do simbólico. Mas, falar do sujeito falante é reconhecer que, se a fala supõe a língua, não há entre elas coincidência plena. Na fala há sempre "excesso ou falta", disse C. Lemos (1999). Isso aponta para a tensão entre o singular e o universal (Andrade, 1998). Se o universal traz a língua, o singular diz da "presença de um falante na fala" (Lier-De Vitto, 1999).

Na área de Aquisição da Linguagem, C. Lemos (1982) afastou-se de visões psicológicas e sociais. Segundo Teresa Lemos (1994), isso devido ao seu compromisso ético com a fala da criança, que ao opor resistência às tentativas de descrição categorial ou de seqüenciação de conhecimentos numa linha de desenvolvimento, exigiu um aprofundamento da reflexão sobre o que se tem a adquirir – a linguagem – e sobre a criança (C. Lemos, 1982, 1986, e outros). A releitura de Saussure e Jakobson decorreu disso. Também a aproximação à Psicanálise, na busca de uma teorização conseqüente e congruente com a restrição sobre o sujeito imposta pela noção de língua para proceder, assim, à articulação entre língua/fala/sujeito. Lemos (1997) tem, desde então, proposto que a aquisição da linguagem deva ser pensada enquanto "mudança de posição na relação criança/língua-fala". Sendo o sujeito assumido como efeito da língua/fala, desenvolve-se, nessa proposta, uma teoria de linguagem articulada a uma teoria não-subjetiva do sujeito.

Lier-De Vitto examinou os *monólogos da criança*, essas "produções instáveis em que o sentido não se define", essas produções repletas de "pausas, hesitações, interrupções abruptas, seqüências

de repetições e composições inesperadas", essas "composições singulares" (1998, p. 163) em que, segundo a pesquisadora, vê-se o "trabalho da língua... que pode operar o *nonsense*, abrir-se ao equívoco" (p. 166). Tais manifestações põem a descoberto a determinação da língua na fala, assim como a relação particular da criança com a linguagem. Cabe chamar a atenção para que essa descrição dos monólogos e o veio de explicação que a pesquisadora oferece. As afasias poderiam muito bem ser descritas desse modo – um afasiologista, não estranharia caso se dissesse o mesmo da fala de um certo afásico. Menos estranho seria dizer que nessa fala "o sentido não se define". A explicação de Lier-de Vitto implica o funcionamento da língua na fala. Isso importa. Mas, será que o efeito que o monólogo da criança tem sobre o falante de uma língua é o mesmo que produz a fala de um afásico? Certamente que não. E, ainda, qual será o efeito que uma fala assim descrita tem para o próprio sujeito – criança e afásico?

O afásico está na língua, já foi "capturado por ela" (C. Lemos, 1992) e... uma vez na estrutura, não se sai mais dela. É aí que a questão do sujeito vem à tona e faz sentido falar na singularidade da relação sujeito-língua. Afásicos estranham o que dizem ou a estranham no estranhamento do outro. Para encaminhar essa questão, é melhor voltarmos o olhar para a fala afásica. Traremos o Sr. O, um paciente atendido na DERDIC. Ele diz:

Segmento 1

Paciente: (O), Terapeuta: (T)

(O) – É que eu num falo (ri), num falo direito, né?

(T) – Ahn,ahn...

(O) – Tem uma porção de coisa que eu num falo, né?

(T) – O Sr. teve/(o paciente a interrompe)

(O) – Às vezes vem, às vezes não...

(T) – E quando é pra falar...

(O) – Aí num sai (ri). Aí é...

(T) – Não sai em alguns momentos...

(O) – É.

(T) – Às vezes sai, às vezes não sai...

(O) – É isso. Isso é complicado. Eu sei, ma num num sai. Como é que eu vô falá? Tenho vontade de falar, num sai...

Ainda que muito se tenha a dizer deste fragmento, cabe ressaltar a relação que tal sujeito afásico entretém com sua fala: ele a estranha. De que posição ele estranha essa fala? Note-se que *aquele que fala e aquele que estranha* não coincidem. "O que fala" parece ter

vo a "fala da criança" e a "fala do afásico", as autoras recusam explicações que envolvam capacidades/procedimentos 'meta' ou, em outras palavras, uma atitude consciente do sujeito diante da linguagem. As autoras ressaltam, no entanto, que um sujeito, na posição de intérprete da sua própria fala, pode recusar o que vem à tona em seu dizer. Isso porque se a fala é produto/resultado do funcionamento da língua, "o que vem à tona" não é resultado de uma escolha do sujeito, mas do movimento da língua na sua fala.

perdido a ilusão de que possa controlar "o que sai". O que escuta, diz: "eu sei mas num num sai" ou que: "às vezes sai, às vezes não...". A despeito da lesão, o *sujeito não esqueceu* o que é estar sob efeito de uma fala.

A afasia instaura um "antes" e o "depois" do acontecimento cerebral. Na forquilha dessas duas condições de falante um "estranho patológico na fala" faz presença para o sujeito – fala e escuta se esgarçam num sujeito. Um sujeito cuja fala é movimentada pela língua mas que, diferentemente da criança, fica "sempre ao lado do que quer dizer" (Sem. 3, p. 250) – sua fala fica sempre aquém de sua escuta. Essa é uma questão para a clínica fonoaudiológica das afasia. Essa é uma diferença crucial entre a criança e o afásico. Ele deve lidar com a heterogeneidade, com cada caso porque "uma fala de um falante".

Falante que, por estranhar sua fala tem uma queixa e dirige uma demanda ao fonoaudiólogo. Mas se essa demanda instaura a clínica, ela não a legitima. A legitimação deve vir do compromisso com uma clínica de linguagem, com a ordem da linguagem. Entendemos que é esse compromisso ético que possibilitará que ele se comprometa com o paciente e sua demanda. Foi isso que procuramos mostrar ao explicitarmos o modo de relação que temos com a Linguística e a Aquisição da Linguagem para pensarmos a afasia e a clínica de linguagem. Uma relação que deve ser pautada pela exploração de questões sobre a linguagem, que esses campos levantam, e restringida pelo particular de cada acontecimento linguístico sobre o qual se debruça um pesquisador.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, L. O estatuto do dado nas avaliações de linguagem. In: LIER-DE VITTO, Maria Francisca (org.). *Aquisição e patologia da linguagem*. (a sair)
- ARANTES, L. Produções desviantes sintomáticas: de como não distingui-las das não sintomáticas. In: LIER-DE VITTO, Maria Francisca (org.). *Aquisição e patologia da linguagem*. (a sair)
- FONSECA. *Afasia: a fala em sofrimento*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, inédita. PUCSP, 1995.
- FONSECA; VIEIRA. A afasia e o problema da convergência entre teoria e abordagens clínicas. In: LIER-DE VITTO, Maria Francisca (org.). *Aquisição e patologia da linguagem*. (a sair)
- HENRY, P. *A ferramenta Imperfeita: Linguagem, Sujeito e Discurso*. Campinas, Editora da Unicamp, 1992.

JAKOBSON, R. (1954). Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969.

LACAN, J. (1955-6). *Seminário 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LEBRUN, Y. *Tratado de Afasia*. In: PARENTE, M. A. (coord.). São Paulo: Panamed, 1983.

LEMOS, C. T. G. Sobre a aquisição da linguagem e seu dilema (pecado) original. In: *Boletim da Abralín*, 3. Recife: Editora da Universidade Estadual de Pernambuco, 1982.

———. Interacionismo e aquisição da linguagem. In: *Revista Delta*, 2. São Paulo, Educ, 1986.

———. Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio. In: *Substratum*, 1, n. 1. Barcelona, 1992.

———. Native speaker's intuition and metalinguistic abilities: what do they have in comom from thepoint of view of language acquisition? *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 33, p. 5-14, 1997

LEMOS, M. T. A língua que me falta: uma análise dos estudos em aquisição da linguagem. Tese de Doutorado. Campinas, Unicamp, 1994.

LIER-DE VITTO, M. F. *Os monólogos da criança: delírios da língua*. São Paulo: Educ-PUC, 1998.

———; FONSECA. Reformulação ou resignificação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 33, p. 51-60, 1998

OLGIVIE, B. *Lacan: a formação do conceito de sujeito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

SAUSSURE, F. (1916). *Curso de lingüística general*. Bally, C. e Sechehaye, A (orgs.). Madrid: Alianza, 1993.

———. (1916). *Curso de lingüística geral*. Bally, C. e Sechehaye, A (orgs.). São Paulo: Cultrix, 1989.

VIEIRA, C. H. *Um percurso pela história da afasiologia: estudos neurológicos, lingüísticos e fonoaudiológicos*. Dissertação de Mestrado. Curitiba, UFPr, 1992.